

# A NOSTALGIA VISTA POR BAUMAN

**Dirce Waltrick do Amarante \***

*Retrotopia*, livro póstumo do sociólogo e pensador polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), discute o desejo da volta ao passado – a um passado idealizado, que não é o passado “como ele genuinamente era” –, visto como solução para um mundo melhor, pois, como afirma Rutger Bregman, no livro *Utopia para Realistas*, citado por Bauman, “não logramos imaginar um mundo melhor do que aquele que alcançamos” e, de fato, as pesquisas têm demonstrado que esta geração vislumbra para a geração posterior uma situação pior do que a sua.

Diante desse cenário sombrio, a nostalgia se torna a “condição moderna incurável” deste século, mas seu perigo está em revivificar desejos nacionais e nacionalistas que se empenham “na fabricação de mitos antimodernos de história, por meio de um retorno a símbolos e mitos nacionais e, ocasionalmente, com teorias intercambiáveis da conspiração”.

A retrotopia é o desejo do passado estável e não de um futuro incerto, ou seja, ela não busca

a terra bem-aventurada, a utopia, quer, isso sim, o retorno a uma terra que já se conhece. Ela é também a negação do progresso, que pressagia a ameaça de perdas e a degradação social. Sem a esperança do progresso, “a herança que nos consola é a tradição”, diz David Lowenthal, citado por Bauman. Não sem razão, atualmente têm ganhado destaque os discursos políticos que defendem a volta aos valores do passado.

Nesse retorno ao túnel do tempo, afirma o sociólogo polonês, ressuscitamos o Leviatã, de Thomas Hobbes, que acreditamos não ter cumprido sua função de “subjugar a crueldade inata dos homens, tornando assim a vida entre humanos suportável”. Em seu livro, Bauman cita o historiador Timothy Snyder, o qual sugere, reavaliando a experiência terrível e perniciosa do Holocausto, que se os Estados fossem destruídos e as instituições locais corrompidas, “poucos dentre nós se comportariam bem. Há poucas razões para pensar que somos do ponto de vista ético superiores aos europeus dos anos 1930 e 1940 ou menos vulneráveis ao tipo de ideia que Hitler tão auspiciosamente promul-



## RETROTOPIA

AUTOR: ZYGMUNT BAUMAN

TRADUÇÃO: RENATO AGUIAR

EDITORA: ZAHAR

168 PÁGS., R\$ 54,90

**Livro póstumo  
do sociólogo  
polonês analisa  
o desejo social  
moderno de  
'retornar ao  
útero' não em  
busca da utopia,  
mas do passado  
já conhecido**

gou e pôs em prática”.

Hoje, não temos um Leviatã “todo-poderoso”, mas pequenos Leviatãs, “numerosos até demais”, que fracassam no desempenho de suas tarefas e que não conquistam a confiança das pessoas, as quais respondem a essa impotência do Estado com atos de “autodestruição” ou, sem perspectiva e sem dignidade, atacam outras aleatoriamente, afirma Bauman. Basta pensarmos nos ataques terroristas, que não escolhem vítimas: qualquer um em qualquer hora e lugar pode ser alvo de “explosões vingativas de ódio”.

Enquanto aguardamos um Leviatã eficiente e os Estados se tornam cada vez mais “vizinhanças amplas”, resultantes do processo de globalização, a aspiração por uma sociedade tribal ganha força. Diz o filósofo político norte-americano Michael Walzer, com quem Bauman dialoga, que se os Estados se tornarem “grandes vizinhanças, é provável que as vizinhanças se tornem pequenos Estados. Seus membros irão se organizar para defender as políticas e a cultura locais contra estranhos”. Essas tribos se valerão de suas diferenças para defender uma suposta superioridade sobre outras tribos e assim farão ressurgir a fronteira entre “nós” e “eles”.

Outra questão que Bauman traz à tona em seu livro, que o torna muito atual, é a da desigualdade que ressurgiu impelida pelo conceito em voga de “privação relativa”, o qual não advém da comparação com normas sociais absolutas e universais, mas de um paralelo com as condições existentes em determinados locais e circunstâncias. Desse modo, ricos podem viver em condição de “priva-

ção relativa” em relação à sua classe social. Ao mesmo tempo, pode-se considerar normal a situação de pobreza de um indivíduo que vive em determinada região do mundo menos próspera.

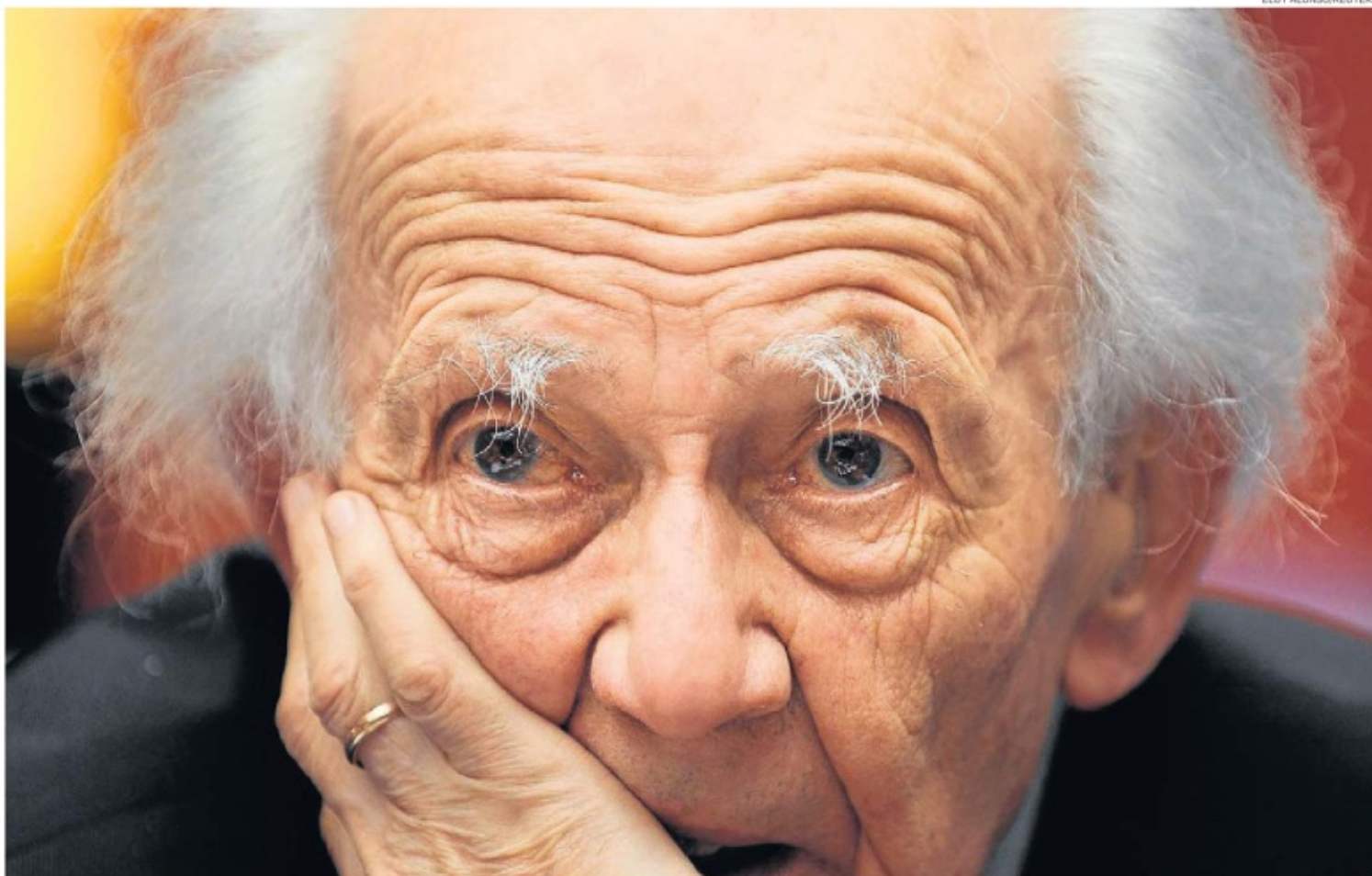
Por fim, Bauman analisa o desejo que se tem de voltar ao útero, de voltar a si próprio. Com telefones celulares, tablets, laptops etc., já vivemos isolados, separados e em desconexão física com outros à nossa volta. Voltar ao útero seria buscar a “autossatisfação” sem depender do outro; o útero seria uma espécie de Cocanha, local mítico em que não é preciso trabalhar e onde se tem tudo em abundância.

Ainda que, como lembra Bauman, seja uma contradição o ser humano sem a companhia humana, o útero, esse “lugar solitário – mas também um lugar seguro, não questionado e não estorvado –, sem competidores rivalizando para diminuir a estatura do seu único residente ou roubar seu bônus e privilégios”, é o ideal contemporâneo.

A tese de Walter Benjamin de que “o rosto do anjo da história está voltado para o passado” e “a tempestade é o que nós chamamos de progresso”, com a qual dialoga Zygmunt Bauman, parece efetivamente anunciar a noção de retrotopia.

\*

TRADUZIU E ORGANIZOU, ENTRE OUTROS, ‘FINNEGANS WAKE (POR UM FIO)’, DE JAMES JOYCE (ED. ILUMINURAS)



**Ligação perigosa.** Bauman vê a retromania como condição incurável e alerta para o retorno de mitos que possam reavivar o nacionalismo